

A OCUPAÇÃO ROMANA EM TORNO DE ALVALADE: NOVOS DADOS

RESUMO

O autor dá a conhecer o resultado das suas investigações na freguesia de Alvalade, concelho de Santiago do Cacém. Apresentam-se as estações arqueológicas de época romana identificadas no decorrer do acompanhamento arqueológico das obras de remodelação da Linha do Sul, alguns sítios dados a conhecer por moradores da freguesia e outras referenciadas na documentação pessoal do Padre Jorge de Oliveira. Com esta comunicação, pretende-se aprofundar um pouco mais o conhecimento da ocupação romana em torno do rio Sado, nesta zona do Alentejo Litoral.

ABSTRACT

The author presents the result of his investigations in the region of Alvalade, in the Santiago do Cacém's county. Some roman archeological places wich were founded by him and for some other investigators based on works made nearby Alvalade, other places indicated by local inhabitants, and some places mentioned by the prist Jorge de Oliveira. With this communication, the author pretends deepen a little more the knowledge of the roman occupation along the Sado's river in the Alentejo Litoral.

A OCUPAÇÃO ROMANA EM TORNO DE ALVALADE: NOVOS DADOS

Ao longo dos últimos anos, por vicissitudes várias, tive oportunidade de efectuar estudos e acompanhamentos arqueológicos na zona envolvente de Alvalade, concelho de Santiago do Cacém, tendo sido possível ter acesso a um conjunto de colecções particulares, de que se destacam a da Casa do Povo de Alvalade, a da Escola Secundária de Alvalade e a o Padre Jorge de Oliveira, bem como a consulta da documentação relativa a achados arqueológicos efectuados entre 1911 e o final da década de 40 do século passado, devidamente anotados por este vulto da cultura Alvaladense, que é o Padre Jorge de Oliveira. A partir da consulta desta documentação observou-se que algumas estações arqueológicas que pensávamos ser inéditas ou completamente desconhecidas, já tinham efectivamente sido identificadas e registadas, sendo de notar a precisão com o Padre Jorge de Oliveira o fez. Mais importante do que tudo o resto, é o facto de lhe ter sido possível ver *in loco* as estruturas arqueológicas que vinham sendo identificadas. Os seus conhecimentos históricos e a atenção com que fazia as suas anotações permitem-nos actualmente colocar propostas de reconstituição da ocupação do espaço, tendo conhecimento prévio do tipo de ocupação que determinado sítio arqueológico teve para além dos simples fragmentos cerâmicos que ainda subsistem à superfície.

O conjunto de informações obtidos a partir destes trabalhos permitiu identificar um importante conjunto de sítios arqueológicos, com maior predominância para a época romana.

Com algumas excepções, a maior parte dos sítios foi identificado (ou re-identificado) no decorrer do acompanhamento arqueológico que co-dirigi no troço Ermidas-Sado/Funcheira, entre finais de Agosto de 2003 e Outubro de 2004, não deixando de ser interessante o facto de podermos constatar que a centenária linha de caminho de ferro foi construída junto da várzea do Sado, suficientemente afastada para evitar as inundações fluviais. Por essa razão, passa muito próximo de um grande conjunto de estações arqueológicas datáveis de época romana.

A quantidade de sítios arqueológicos deste período, e o estudo do seu conjunto como um todo, permite toda uma panóplia de leituras que possibilitam uma melhor compreensão da (s) forma (s) de ocupação do espaço entre finais do século I a.C. e o século V.

É de destacar o interesse da população alvaladense em preservar a memória do seu passado, notando-se, por exemplo, a iniciativa de proprietários e trabalhadores rurais que, com o objectivo de promover o estudo da história da sua terra, nos deram a conhecer a existência de locais de interesse arqueológico por eles descobertos. Alguns habitantes têm uma série de machados de pedra polida, moventes, dormentes, entre muitos outros materiais, em sua casa, em alguns casos recolhidas há mais de vinte anos. O mais interessante é que todas essas pessoas me asseguraram que as estão a guardar até que seja criado um núcleo museológico em Alvalade para que as suas peças não venham a disseminar-se por outras zonas do país ou do estrangeiro.

A metodologia utilizada para a identificação de estações arqueológicas, quer em obra, quer aquelas cuja localização foi fornecida por outrem, baseou-se na prospecção arqueológica, com o respectivo registo fotográfico e as habituais anotações em caderno de campo.

Um dos locais identificados em 2002, nomeadamente a Defesa 3, foi posteriormente escavado por uma equipa chefiada por Luís Carvalho e por Vanessa Sousa e por esse motivo não serão dadas informações muito profundas sobre este arqueossítio, que aguarda publicação dos resultados pelos arqueólogos responsáveis pela intervenção.

Com o presente artigo pretende-se de reunir todos os resultados obtidos a partir dos vários estudos efectuados ao longo dos últimos anos, para que seja possível obter uma melhor percepção daquilo que compreendemos por romanização de uma zona que servia de fronteira entre as *ciuitates Mirobriga* e *Pax Iulia*.

ANTIGOS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS REALIZADOS NA FREGUESIA

Desde muito cedo, a freguesia de Alvalade tem despertado a atenção dos arqueólogos portugueses. Em 1908 José Leite de Vasconcelos passou em Alvalade, onde visitou vários sítios arqueológicos, fundamentalmente as estações arqueológicas ora designadas por Defesa 1 e Defesa 3. Na primeira observou uma tampa insculturada de sepultura da Idade do Bronze, que publicou, e na segunda recolheu fragmentos de mosaico, que entretanto deram entrada no Museu Nacional de Arqueologia.

Em 1913, deram entrada no Museu Nacional de Arqueologia peças arqueológicas provenientes de uma sepultura do sítio Arqueológico actualmente designado por Defesa 2 (Alarcão, 1988), que deve corresponder à necrópole da *uilla* da Defesa 3.

Entre os anos de 1911 e 1946, período em que foi pároco de Alvalade, depois de ter sido destituído do cargo de Capelão-mor do reino, por ter assumido uma filha, o Padre Jorge de Oliveira anotou o aparecimento de um importante conjunto de sítios arqueológicos, de várias épocas, com uma precisão muito aceitável para alguém que não era arqueólogo, ou historiador, mas que tinha uma cultura impressionante.

Em 1979, Clementino Amaro e Manuel Rosivelt Santos Barreto efectuaram escavações arqueológicas na *uilla* romana de Conqueiros, com a finalidade de registar todas as informações possíveis após a destruição de vestígios provocada pelo plantio de arroz. Nesta intervenção foram colocadas a descoberto várias estruturas destruídas quase na sua totalidade e recolhidas três inscrições funerárias de época romana¹.

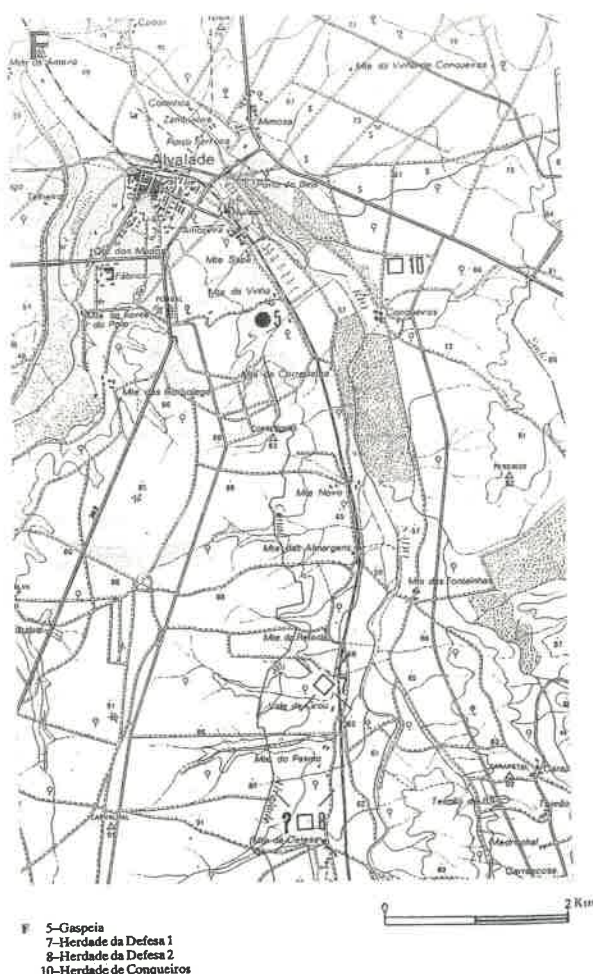
Na década de 80, Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares efectuaram escavações arqueológicas num habitat do Neolítico no sítio arqueológico da Gaspeia, onde voltaram a escavar em 2002 e em 2004.

¹

Cf. Clementino Amaro e Manuel Rosivelt Santos Barreto, "A 'villa' de Conqueiros e enquadramento arqueológico", comunicação inédita apresentada ao IV Congresso Nacional de Arqueologia, Faro, 1980.

Os trabalhos de acompanhamento arqueológico das obras de remodelação da Linha do Sul, iniciados em 2001 e concluídos em Outubro de 2004, permitiram identificar um conjunto de 14 novas estações arqueológicas.

Apenas em inícios de 2005, tomei pessoalmente conhecimento da existência dos apontamentos do Padre Jorge de Oliveira, que me foram então oferecidos pela sua neta, que me mostrou também algumas das peças que tinha em sua posse.

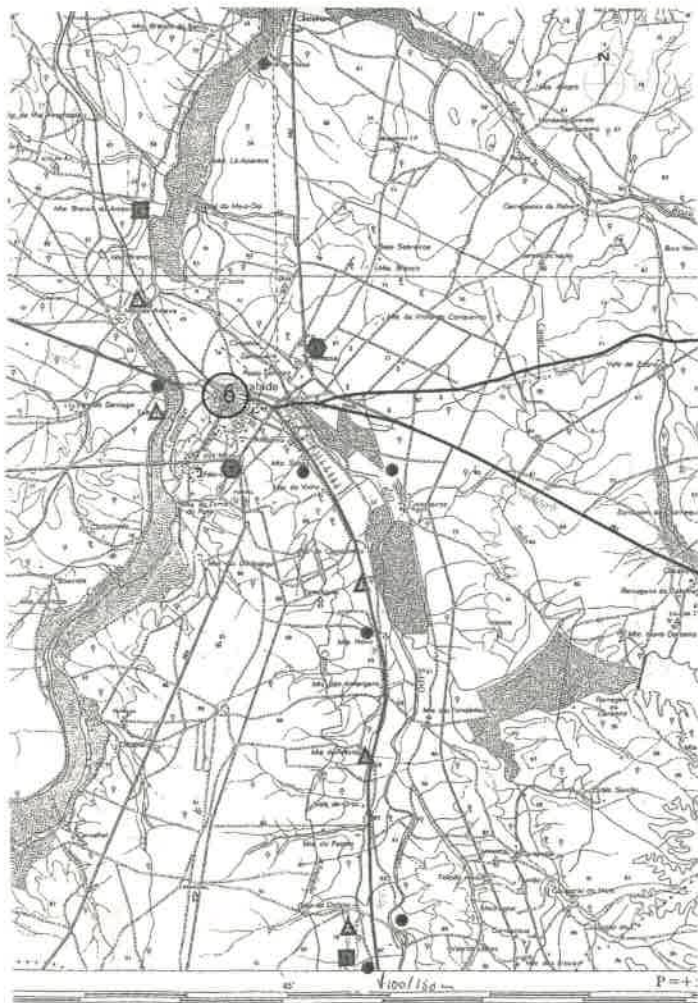


Planta 1 – Planta de localização dos sítios arqueológicos da freguesia de Alvalade do Sado em 1993 (FERREIRA, SILVA, LOURENÇO e SOUSA, p.190)

ESTAÇÕES ARQUEOLÓGICAS DE ÉPOCA ROMANA IDENTIFICADAS E FORMAS DE OCUPAÇÃO DO ESPAÇO

Apesar de ter existido um bom conjunto de trabalhos em torno de Alvalade, aquando da publicação dos Subsídios Para uma Carta Arqueológica (FERREIRA, SILVA, LOURENÇO e SOUSA, 1993) apenas quatro sítios eram conhecidos da comunidade arqueológica e destes apenas dois eram cronologicamente situáveis na época romana: Conqueiros e Defesa 2.

Os vários trabalhos realizados desde então na freguesia de Alvalade, permitiram identificar mais de duas dezenas de sítios, sendo que, no que concerne à ocupação romana, foi possível acrescentar mais algumas referências aos dois sítios já conhecidos, tendo-se ainda referenciado mais dois locais onde apareceram moedas, mas onde não me foi ainda possível confirmar a existência de outros indícios arqueológicos. Quer através das observações efectuadas no terreno, quer nos dados recolhidos a partir da fonte primordial que é o caderno do Padre Jorge de Oliveira, foi possível identificar um possível *uicus* (Alvalade), sete *uillae* [Monte do Roxo; Monte da Ameira 1/Monte do Brejo, Monte da Sapa, Conqueiros, Monte das Gáspeas (ou Gaspeia 3), Defesa V, Defesa 3], cinco pequenos sítios, que podemos definir como casais ou *tugurrae* (Ameira 2, Ameira 4, Gaspeia II, Retorta I, Defesa IV), quatro necrópoles (Monte Branco da Ameira, muito possivelmente associado a uma *uilla*, Monte do Brejo, Conqueiros e Monte da Defesa 2), três sítios com funcionalidades indeterminadas (Mimosa, Moinhos de Alvalade e Monte Espada) e uma possível ponte.



- ⑥ - VICUS
- ① - VILLA
- ② - POSSÍVEL LOCALIZAÇÃO DE NECRÓPOLE
- ⑦ - NECRÓPOLE
- △③ - CASAL ROMANO
- ⬡ - ZONA DE ACHADOS DE FUNCIONALIDADE INDETERMINADA
- - VIA CONFORMADA ROMANA E MEDIEVAL
- - - VIA CONFORMADA ROMANA E OU MEDIEVAL

Planta 2 – Localização dos sítios arqueológicos de época romana em torno da actual vila de Alvalade.

POSSÍVEL VICUS

1- ALVALADE (PLANTA 2, Nº6)

CERRADO (ACTUAL CEMITÉRIO), CASA DO PADRE JORGE DE OLIVEIRA, ADRO DA IGREJA MATRIZ E CERRADO DE MARIA LANÇA

Os primeiros achados de materiais de época romana no interior da actual vila de Alvalade ocorreram em 1913 e em 1914, quando o Padre Jorge de Oliveira descobriu no seu próprio quintal algumas *tegullae* e láteres, seguindo-se pouco depois alguns achados no Cerrado (actual cemitério) e no Adro da Igreja Matriz, onde também foram encontrados dormentes e moventes. Em Abril de 1924 foram identificadas estruturas na Cerca de Maria Lança, localizado perto da zona conhecida pelo Cerradinho. Segundo os registos do Padre Jorge de Oliveira, o trabalhador João Belchior, procedendo a uma abertura de uma vala, encontrou uma sapata extensa de alvenaria, juntamente com um pavimento composto por três camadas: a primeira de pedra grossa, a segunda composta por seixos ligados com argamassa de cal e a terceira com fragmentos de cerâmica e argamassa de cal (*opus signinum*?). Sobre este pavimento foram identificados tijolos de variadas dimensões (láteres), rectangulares, *tegullae* e *imbrices*. No local, o Padre Jorge de Oliveira propôs a localização de uma adega, referindo ainda a recolha de moedas de bronze do tamanho de um centavo (“já gastas”). A proposta concreta para o tipo de estrutura identificada não deixa de ser uma mera hipótese. Pela descrição, trata-se sem dúvida de uma parede, ou de um conjunto de paredes, a que se associa um pavimento em *opus signinum*. A existência de três camadas coloca de lado a hipótese de tratar de um pavi-

mento de uma basílica paleocristã que eventualmente cobrisse algumas sepulturas, como se te observado em Mértola, por exemplo. Além disso, certamente que o Padre Jorge Oliveira terá observado um corte do pavimento para saber que tinha três camadas e se existissem sepulturas cobertas pelo *opus signinum*, estas teriam certamente sido registadas. Posto isto, fica a certeza de que se tratava de uma estrutura para contenção de líquidos. Neste campo, levantam-se várias hipóteses: poderia tratar-se de um tanque para contenção de água, uma natatio de umas termas romanas ou um tanque para produção de vinho, como comprovadamente existiu aqui bem perto, na *uilla* do Monte do Roxo. Apesar do Padre Jorge de Oliveira não apresentar medidas concretas para a parede então descoberta, a expressão “sapata extensa de alvenaria”, permite pensar que se trataria de uma estrutura com mais de 5m de comprimento, pelo que as duas primeiras hipóteses seriam as mais correctas. Modéstia à parte seria tentador pensar que seriam as termas do povoado eventualmente existente sob a actual Alvalade, mas isso não passa de uma mera hipótese.

Infelizmente, nesta zona existem casas de habitação construídas no decorrer da segunda metade do século XX, podendo as estruturas de época romana ter sido destruídas por completo.

Em 2005 foi descoberto próximo da Igreja da Misericórdia um pote cheio de moedas de prata, cuja época de cunhagem é desconhecida, não sendo de descurar que fossem de época romana. Infelizmente, a obra da EDP em que foram descobertas não foi alvo de acompanhamento arqueológico, tendo as moedas desaparecido por completo.

Em torno de Alvalade existem um sítio que merece destaque pela sua proximidade e pelo tipo de materiais que aí têm sido recolhidos: nos moinhos de Alvalade foram identificados fragmentos de láteres e *tegullae*, bem como uma moeda de Dom Rodrigo (710-711) e uma moeda islâmica. Seria esta uma das necrópoles do antigo povoado?

Coordenadas do sítio: 37°56'26", 60N e 08°23'40", 81W.



Fotografia 1 – A vila de Alvalade dominante sobre as várzeas do Sado e de Campilhas.



Fotografia 2 – Adro da Igreja Matriz de Alvalade na actualidade.



Fotografia 3 – Elemento de lagar recolhido em Alvalade.

1 – MONTE DO ROXO (PLANTA 2, Nº 1)

Sob o actual Monte do Roxo, Alvalade, Santiago do Cacém, é possível observar vestígios muito importantes de uma antiga *uilla* romana. Existem notícias da existência de estruturas (incluindo tanques forrados com opus *Signinum* em cujo interior foram recolhidas grainhas ressequidas de uvas), *cuppae*, lucernas e outros materiais no século XVIII, data em que algumas peças foram enviadas para o Frei Manuel do Cenáculo, em Beja².

O local tem as seguintes coordenadas: 37°57'17", 02 latitude norte, 08°24'24", 40 longitude oeste e 56m de altitude. O acesso faz-se pelo IC1, virando-se à esquerda na primeira estrada de terra batida com palmeiras à entrada, a norte da Mimosa (sentido sul/norte).

À superfície, destaca-se a grande concentração de materiais de construção de época romana, *sigillatas* galoromanas, hispânicas e norte-africanas, ânforas lusitanas (Lusitana 2 e Lusitana 4), cerâmicas comuns islâmicas, medievais cristãs e modernas e faianças portuguesas.

Da mesma forma, nas cofragens das paredes de taipa da casa principal do "Monte", deparamo-nos com a grande quantidade de materiais romanos reutilizados, destacando-se os materiais de construção (*tegullae*, *imbrices* e láteres). Para além destes pode ainda observar-se a presença de *sigillatas* (onde se inclui um fragmento de bordo de Dragendorf 27), de fragmentos de bojos de ânforas e de fragmentos de cerâmica comum. A presença de uma grande quantidade de materiais de época romana nas paredes em taipa indicia que o actual "Monte" foi construído sobre as estruturas da antiga *uilla*, até porque as áreas de maior concentração de materiais situam-se numa área de cerca de 2ha envolvente da construção actual e ainda que alguns níveis arqueológicos poderão ter sido simplesmente "rapados", motivo por que podemos observar elementos arquitectónicos reaproveitados, bem como inscrições de época moderna.

De entre o espólio recolhido neste local ao longo dos anos destacam-se ainda os vários elementos arquitectónicos eventualmente datáveis de época tardo-romana, visigótica, ou até mesmo moçárabe, que poderão ter pertencido a um edifício religioso. Alguns ainda se encontram reutilizados nas estruturas do "monte", servindo, por exemplo, de poiais. Entre os materiais descobertos neste sítio arqueológico dois fragmentos de cancela, uma imposta que servia de base ao arranque do arco da abside e um colunelo (pé-de-altar?). O fragmento de cancela de maiores dimensões preserva em bom estado de conservação a sua decoração, possuindo 0,85m de altura e 0,67m de comprimento, medidas máximas, não tendo sido possível determinar a sua espessura (Feio, 2008 pp.484 a 489). Neste momento, serve de "tapete" junto à entrada da capela de Nossa Senhora do Roxo.

O segundo fragmento de cancela de *iconostase*, encontra-se depositado na sede da Casa do Povo de Alvalade e apresenta uma decoração composta por octofólios insertos em quadrados (Feio, 2008, pp. 484 a 489). Preserva 0,46m de comprimento, 0,34m de altura e 0,0m de espessura. No topo a peça está decorada com trifólios ou folhas de acanto estilizadas (Idem, ibidem).

Até há bem pouco tempo, uma terceira peça definida como fragmento de cancela de *iconostase* que servia como de soleira de porta numa das entradas do "monte", apresentando a face voltada para cima completamente desgastada, foi retirada do local onde se encontrava no dia 09 de Fevereiro de 2008, face ao perigo de ruína do "monte" e tendo em consideração que poderia facilmente ser roubada por um qualquer caçador de tesouros. Foi possível solicitar ao encarregado do "monte" a recolha desta peça e a sua deposição em lugar seguro, até que existisse consentimento do proprietário na sua entrega para o futuro núcleo museológico de arqueologia de Alvalade, o que foi feito de imediato. Foi possível observar então, com estupefacção, a decoração e o tipo de peça em causa. Este elemento arquitectónico possui uma importância significativa para uma melhor compreensão do edifício religioso que existiu neste local. Poderá tratar-se de um friso em mármore de veios cinzentos para embeber numa parede e servir de base a/ou marcando o nascimento de um arco, tendo decoração da parte da frente e da parte de trás desse arco, em princípio um arco separador da abside de uma basílica paleocristã. Reaproveita uma peça romana mais antiga cujo o esquema decorativo se pode integrar nos estilos corintio ou lésbico. A decoração romana poderá datar do século II e a cristã do século VII. A peça tem 1,01m de comprimento máximo preservado, 0,615m de

largura máxima preservada, 0,12m espessura máxima na face decorada com peltas e bifólios, 0,08m de espessura máxima na face decorada com trifólios.

Com o mesmo tipo de suporte foi concebido o colunelo (pé-de-altar) que preserva 0,39m da sua altura, com o capitel e parte do fuste em bom estado de conservação e bem diferenciados entre si por uma espécie de “gola” (Feio, 2008, pp.484 a 489).

Tendo em consideração os exemplos aludidos, a atribuição de uma cronologia para a construção inicial do edifício de culto situa-se no século IV ou no V, transformando-o num dos mais antigos de *conventus Iuensis*. A presença de peças de cronologia mais tardia, permite observar a vitalidade do culto no actual “monte” do Roxo. Subsistem ainda algumas dúvidas do ponto de vista cronológico, sobretudo no que diz respeito aos fragmentos de cancelas de *iconostase*, que tanto poderão datar do século VII, como poderão integrar-se em período moçárabe, até porque neste local, pelo que podemos aferir pelos materiais arqueológicos recolhidos à superfície, foi possível observar vestígios de uma ocupação humana entre o século I e a época islâmica, sendo posteriormente reocupado em época moderna. Nesse sentido, parte do espólio arquitectónico poderia ser perfeitamente situado cronologicamente entre os séculos VIII e X, tratando-se, portanto, de uma estrutura que sobreviveu como edifício de culto cristão até a uma fase avançada no período de ocupação islâmica, não se descorando a possibilidade de se tratarem efectivamente de elementos arquitectónicos desenvolvidos na época suevo-visigótica, denunciando a existência de um edifício religioso onde houve uma continuação de culto pelo menos até ao século X. Neste caso, teríamos uma continuidade de culto na fase de transição entre a época de dominação visigótica e o período de domínio islâmico. A religiosidade neste local viria a manter-se nos períodos baixo-medieval, moderno e contemporâneo, sob as invocações de Santa Maria do Roxo e de Santana do Roxo.

Enquanto não se efectuam escavações arqueológicas neste local não será possível determinar com maior exactidão a cronologia da ocupação do edifício religioso inicial. Dessa forma, deixo prudentemente esta questão em aberto.



Fotografia 4 – Monte do Roxo, a partir de Este.

Fotografia 5 – Fragmentos de cancela de *iconostase* visigótica localizada em frente da porta de entrada da capela de Nossa Senhora do Roxo.



Fotografia 6 – Fragmento de possível imposta para arranque do arco de acesso à abside, enquanto servia de poial na entrada do “monte” do Roxo.



Fotografia 7 - Parte frontal de um friso visigótico elaborado apartir de uma peça romana do século II.



Fotografia 8 - Decoração lateral com peltas ou encordoado. No topo pode ainda observar-se uma decoração a simular um capitel com Folhas de Acanto.



Fotografia 9 - Decoração da outra face, com trifólios.



Fotografia 10 - Pormenor Decorativo

2 – POSSÍVEL VILLA DO MONTE BRANCO DA AMEIRA E RESPECTIVA NECRÓPOLE (PLANTA 2, Nº 2)

Trata-se de um dos poucos sítios que ainda não foi possível prospectar, mas onde existem informações sobre a existência de importantes achados arqueológicos. Em 1928 o Padre Jorge de Oliveira observou a existência de duas sepulturas romanas. Na primeira constatou que a caixa era feita por *imbrices* e *tegullae* e à segunda correspondiam láteres e um vaso de cerâmica, sendo que este último foi destruído pelos trabalhadores agrícolas no momento da descoberta. É muito provável que esta necrópole estivesse associada a uma *uilla*, até porque a distância de cerca de 2km relativamente às *uillae* do Monte do Roxo e da Ameira 1/Monte do Brejo não deixa de ser um bom indicador nesse sentido. No entanto, enquanto não forem efectuadas prospecções arqueológicas com vista à com vista à sua localização, não deixa de ser apenas uma hipótese a ter em linha de conta.

3 – VILLA DO MONTE DA AMEIRA 1/MONTE DO BREJO (PLANTA 2, Nº 4) E NECRÓPOLE DA VÁRZEA DO BREJO (PLANTA 2, Nº 7)

Em Fevereiro de 1929, o Padre Jorge de Oliveira foi chamado a este local, depois Dr. Manuel Mateus, seu antigo proprietário, ter mandado desmantelar estruturas antigas, situadas na Margem Esquerda da Ribeira de Campilhas, a cerca de 500m deste curso de Água e na recta de Alvalade com o Monte do Brejo. Recolheram-se nessa altura, pelo que podemos inferir dos apontamentos do Padre Jorge de Oliveira, vários materiais de construção, bem como cerâmicas brancas, vermelhas (sigillatas?) e escuras e ainda mós.

Em Agosto de 2002, quando me encontrava a coordenar a arqueóloga Michele Santos no acompanhamento arqueológico das obras realizadas na Linha do Sul, troço Ermidas-Sado/Funcheira, fui convidado a visitar o local pelo feitor do Monte da Ameira, tendo lá voltado em Setembro do mesmo ano na companhia de A. M. Dias Diogo e Laura Trindade com o objectivo de observar com um pouco mais de atenção o sítio. Entre Agosto de 2003 e Outubro de 2004, período em que fui o único arqueólogo no acompanhamento nas obras supracitadas, foram várias as observações efectuadas com o propósito de localizar correctamente todos os achados e discernir com mais exactidão a localização da *uilla* e da sua necrópole.

De entre os materiais recolhidos neste local, sobretudo pelos trabalhadores do Monte da Ameira, destacam-se fragmentos de ânforas (fundamentalmente do tipo Lusitana 12, Lusitana 2/Dressel 14 e Lusitana 4), de terra sigillata (sobretudo de proveniência galo-romana e norte africana, de formas indeterminadas), alguma cerâmica comum romana e um fragmento de mó da mesma época.

Do ponto de vista cronológico, o início da ocupação desta *uilla* deverá ter ocorrido no final do principado de Augusto, ou já no de Tibério, ainda no decorrer do primeiro terço do século I. A presença de ânforas do tipo Lusitana 4 e de sigillatas norte-africanas indica-nos que, eventualmente, terá permanecido ocupada até ao período baixo imperial, não sendo possível obter uma maior precisão, face à falta de materiais que possam fornecer mais informações.

A área de maior concentração de materiais à superfície é um pouco superior a 1,5ha. A *uilla* apresenta as seguintes coordenadas: 37°56'29", 76N e 08°24'15", 94W, 50m de altitude.

NECRÓPOLE

Entre a “Ponte Romana” e a estrada de acesso ao Monte da Ameira, observam-se algumas concentrações de cerâmicas de construção de época romana que devem corresponder à necrópole observada pelo Padre Jorge de Oliveira, na zona da Várzea do Brejo, a cerca de 100m da *uilla* da Ameira 1/Monte do Brejo. Nesta necrópole, o Padre Jorge de Oliveira apontou o aparecimento de mós, ferros, cobres e fragmentos de peças de chumbo. Identificou-se também uma sepultura forrada com “folhas de mármore azulado” e cobertas com *tegullae*. Chamo aqui a atenção para algumas informações muito interessantes fornecidas pelo Padre Jorge de Oliveira, tais como a recolha de fragmentos de cerâmica encontrada num “vaso

crematório” (urna funerária?); a recolha de uma placa de cobre com furo e de uma lâmina de chumbo. Tudo indica que, perante a descrição dos vários achados feita pelo pároco, nos encontramos perante uma necrópole de incineração, onde pontificava, pelo menos, um sarcófago de mármore.

As coordenadas da necrópole são aproximadamente as seguintes: 37°56’38”,12N e 08°24’15”, 69W, 50m de altitude.

O acesso aos dois sítios faz-se pela estrada que liga Alvalade ao Monte da Ameira.

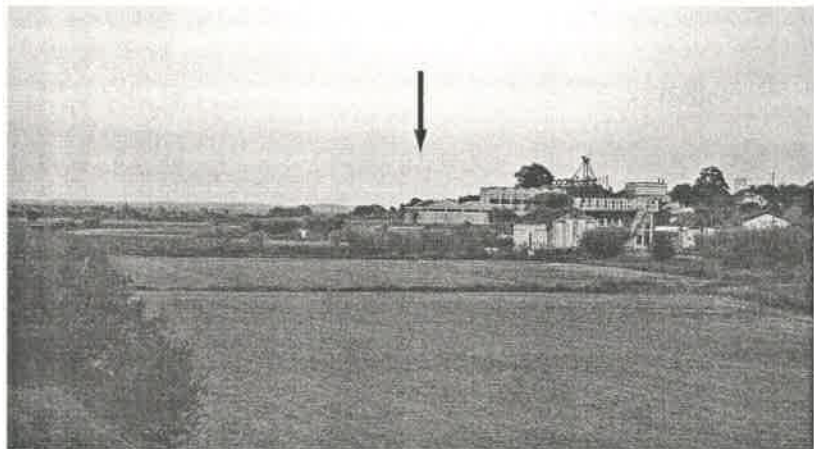


Fotografia 12 – Villa da Ameira/Monte do Telheiro, zona de maior concentração de materiais de época romana, a partir de NW.

4 – MONTE DA SAPA (PLANTA 2, Nº 11)

No “monte” da Sapa descobriu o Padre Jorge de Oliveira algumas moedas de época romana.

Quando recentemente me deslocuei ao local, ainda me foi possível observar alguns materiais de construção à superfície, bem como algumas cerâmicas de uso comum muito roladas e bojos de ânfora. Informações orais que obtive de alguns idosos residentes em Alvalade, confirmaram que no local onde hoje se situa uma fábrica de descasque de arroz, já abandonada, eram abundantes os materiais arqueológicos. Face a tudo isto e ao padrão locativo do sítio, proponho a existência neste local de uma *uilla*. As suas coordenadas são as seguintes: 37°56’00”, 43N, 08°22’53”, 60W e 57m de altitude



Fotografia 13- Localização do Monte da Sapa, imediatamente a sul da Estação da CP de Alvalade do Sado, sob a fábrica de descasque de arroz.

A *uilla* romana de Conqueiros foi descoberta há várias dezenas de anos pelo padre Jorge de Oliveira, um homem muito culto e preocupado com a história da sua terra de adopção. Ainda hoje os seus descendentes guardam em sua posse um valioso espólio de materiais recolhidos nesta estação arqueológica, conhecida como “Colecção Padre Jorge de Oliveira”³.

Em 1979, Clementino Amaro e Manuel Rosivelt Santos Barreto efectuaram escavações arqueológicas no local, com a finalidade de registar todas as informações possíveis após a destruição de vestígios provocada pelo plantio de arroz. Nesta intervenção foram colocadas a descoberto várias estruturas destruídas quase na sua totalidade⁴. Entre as estruturas identificadas, foram reconhecidos vestígios de uma parede em taipa pela disposição do estuque que não revestia qualquer parede em pedra, e porque a terra que se justapunha à face posterior do estuque apresentava uma textura argilosa, de cor amarelada, bastante compacta e granulada⁵. A sua espessura era de 50 cm e o estuque pintado caracteriza-se por um fundo branco, listado a vermelho e preto.

Outros fragmentos apresentam um fundo uniforme em tom avermelhado⁶. Segundo os investigadores, a lavoura terá atingido o fundo do tanque, como o provou a destruição do rodapé do mesmo tanque, em resultado da passagem do arado⁷. Foram ainda localizadas e identificadas estruturas de um compartimento e respectiva porta de acesso (Est. 1 Q. 5 – G)⁸. Verificou-se que esta estrutura estava parcialmente reduzida aos alicerces, uma vez que quando se escavou no interior do compartimento, foram postos a descoberto os assentamentos dos alicerces, tendo-se revelado esta última camada totalmente estéril⁹.

De entre o espólio recolhido, destacam-se fragmentos de terra sigillata itálica (forma Goudinau 37 ou 38, com fabrico situado entre os anos 5 e 16, e fundo de vaso com marca de oleiro PRIM. PRIMUS, oleiro de N. Nevius Hilarius de Puzzuoli, datável do reinado de Tibério), galo-romana (forma Dragendorf 37) (QUARESMA, 2003, p.62), hispânica (forma Hispânica 18) (Idem, ibidem) e norte-africana (formas Hayes 38/52 e Lamb. 2) e fragmentos de ânforas dos tipos Haltern 70 (que os autores classificaram por Béltrán 1 no seu relatório). A este espólio cerâmico recolhido no decorrer das escavações deve acrescentar-se um importante conjunto cerâmico existente na Escola Secundária de Alvalade, fruto de recolhas que ocorreram fundamentalmente na década de 80 do século XX. Entre os materiais ali depositados destaca-se a presença de ânforas do tipo Lusitana 2, Lusitana 4, Haltern 70 e Dressel 20.

Para além dos materiais cerâmicos nas escavações arqueológicas foram ainda recolhidos um fragmento de vidro em azul de cobalto, cronologicamente situável nos séculos I a. C. e I, uma moeda de Constâncio, cunhada na 1ª oficina de Arles, e uma fibula de charneira, de arco triangular, tipo Zerat II A e Thill 108/11, do século I a. C.¹⁰. Há cerca de 18 anos, alguns alunos da Escola Secundária de Alvalade recolheram alguns materiais na *uilla* de Conqueiros, destacando-se, para a época romana, fragmentos de ânforas dos tipos Lusitana 12, de Lusitana 2, de Lusitana 4, Haltern 70 e Dressel 20, quadrantes de coluna, *tegullae* e, *dolia* e cerâmica comum¹¹.

A cronologia obtida a partir dos materiais recolhidos e das duas estelas funerárias permitem-nos supor que a ocupação do sítio decorreu entre os séculos I e V¹².

Devo ainda referir que, neste local, vários particulares têm vindo a recolher machados de pedra polida, dormentes e moventes, pelo que é muito possível que haja uma ocupação pré-romana.

VESTÍGIOS DA NECRÓPOLE ASSOCIADA À VILLA DE CONQUEIROS

Para da intervenção arqueológica efectuada e das várias recolhas de que temos conhecimento, destaca-se a identificação da necrópole da *uilla*. Enquanto decorria a escavação arqueológica, os arqueólogos foram alertados pelos trabalhadores rurais do ocasional durante a preparação dos terrenos para o cultivo de arroz. Sensivelmente a cerca de 200 metros da *uilla*, observaram a existência de uma necrópole, de cronologia romana, de onde os arqueólogos e Luís Silva do extinto o recolheram três estelas funerárias em grauvaque, com inscrições, que seriam posteriormente depositadas na Casa do Povo de Alvalade. Em 1984, José d'Encarnação, inclui as três estelas na publicação sua Tese de Doutoramento. As estelas são contemporâneas, datando de finais do século I a.C., ou de inícios da centúria seguinte.

3

A colecção foi posta à minha disposição para estudo e divulgação, o qual é minha intenção realizar em breve.

4

Cf. Clementino Amaro e Manuel Rosivelt Santos Barreto, “A ‘villa’ de Conqueiros e enquadramento arqueológico”, comunicação inédita apresentada ao IV Congresso Nacional de Arqueologia, Faro, 1980 e Idem, “Villa Romana de Figueira-da-Ametade, Conqueiros”, *Relatório das sondagens e escavação arqueológica de 1979*, S/D, S/E, S/L.

5

Cf. Clementino Amaro e Manuel Rosivelt Santos Barreto, “Villa Romana de Figueira-da-Ametade, Conqueiros”, *Relatório das sondagens e escavação arqueológica de 1979*, S/D, S/E, S/L.

6

Idem, ibidem.

7

Idem, ibidem.

8

Idem, ibidem.

9

Idem, ibidem.

10

Cf. Clementino Amaro e Manuel Rosivelt dos Santos Barreto, “Villa Romana de Figueira-da-Ametade, Conqueiros”, *Relatório das sondagens e escavação arqueológica de 1979*, S/D, S/E, S/L.

11

Os materiais foram depositados na escola, juntamente com machados de pedra polida de secção oval e um machado de aletas em pedra.

12

Clementino Amaro e Manuel Rosivelt dos Santos Barreto calcularam a mesma ocupação entre o século I e finais do IV.

No local conhecido como Gaspeia III foram identificadas estruturas no decorrer de uma prospecção prévia à construção de uma vala. Algum tempo volvido, o Sr. José Romão, morador em Alvalade (antigo morador do Monte Novo, situado paredes meias com este sítio arqueológico), indicou-nos que há cerca de 30 anos o sítio foi alvo de escavações arqueológicas, dali tendo sido recolhidas ânforas e sigillatas. No local observou-se a existência de materiais de construção de época romana e fragmentos de bojós de ânforas, dispersos por uma área de cerca de 1,5ha.

Tem as seguintes coordenadas: 37°57'17",02 latitude norte, 08°24'24",40 longitude oeste e 56 m de altitude.

O acesso ao local faz-se pelo caminho paralelo à Linha do Sul.

7 – DEFESA 5 (PLANTA 2, Nº 16)

Em Maio de 2004 fui informado da existência de um enorme peso de lagar¹³ na margem direita do Sado, ligeiramente a sudeste do Monte da Defesa. Não existindo referências a nenhum sítio arqueológico naquele local, segui a indicação que me foi dada, no sentido de identificar o peso de lagar, que efectivamente verifiquei existir, e de tentar relacioná-lo com algum sítio arqueológico que se situasse nas proximidades.

A *uilla* da Defesa V situa-se numa pequena elevação sobranceira à margem direita do rio Sado, à latitude de 37°52'47",83 N e à longitude de 08° 21'29",49 W, correspondendo a sua altitude a 70 m. Localiza-se a pouco mais de 1km para nordeste da *uilla* da Defesa III.

Em prospecções realizadas no local pude observar, para além do peso de lagar, a existência de escórias de ferro, *dollia*, fragmentos de ânforas do tipo Lusitana 2, e materiais de construção (imbrices e láteres), distribuídos por uma área um pouco inferior a um ha. A inexistência de peças finas de importação, vidros, fragmentos de mosaicos ou de uma maior quantidade de ânforas, permitiu-me pensar que se trataria de uma granja de grandes dimensões. No entanto, numa visita recente pude confirmar que a área de distribuição de materiais à superfície era sensivelmente de 1,5ha e que existe uma enorme quantidade de fragmentos de *dollia*, sobretudo de bordos, factos que me leva a localizar aqui mais uma *uilla*, podendo tratar-se da *pars rústica*.

O acesso ao local faz-se pelo caminho paralelo à linha de caminhos-de-ferro até à Passagem Superior localizada ao quilómetro 146, atravessa-se o rio e vira-se à direita. Percorre-se cerca de cem metros e temos o sítio arqueológico.

Do ponto de vista cronológico, apenas foram recolhidos materiais datáveis dos séculos I e II, mas devemos ter em consideração que ainda existe uma zona não prospectada, eventualmente correspondente à *pars urbana*, onde poderão vir a ser recolhidas peças mais tardias.

13

À posteriori constatou-se que o mesmo peso de lagar já tinha sido identificado por Michele Santos no âmbito do acompanhamento arqueológico da Linha do Sul, troço Ermidas-Sado/Funcheira, em 2002. No entanto, a investigadora não o localizou correctamente, pelo que me é dado a observar no site do IPA. Neste site, podemos observar que a Dra. Michele Santos indica que o peso de lagar foi encontrado na margem esquerda do rio Sado, facto que não corresponde à realidade.



Fotografia 14 – Peso de lagar de grandes dimensões recolhido na *uilla* da Defesa 5 e colocado à porta da Igreja da Misericórdia, onde virá a ser instalado o futuro museu de Alvalade.

A *uilla* da Defesa III foi descoberta por mim e pela Dra. Michele Santos no decorrer do acompanhamento das obras da Linha do Sul em Agosto de 2002, no momento em que construía o caminho paralelo à linha. Trata-se de uma *uilla* de dimensões consideráveis e muito importante para a compreensão da romanização desta zona do Alentejo. A sua ocupação situa-se entre os inícios do século I e estende-se para lá do século V, tendo sido recolhidos materiais cerâmicos enquadráveis na Antiguidade Tardia e no período islâmico (séculos XII/XIII) e ainda faianças portuguesas. Esta *uilla* foi alvo de uma escavação arqueológica dirigida por Luís Carvalho e por Vanessa Sousa, da qual se aguarda a publicação dos dados, ou o estudo dos materiais.

Deve acrescentar-se que neste local foi recolhido há cerca de 40 anos um capitel toscano de dimensões consideráveis, que se encontra na posse de um particular residente em Alvalade. No que respeita aos apontamentos do Padre Jorge de Oliveira identificou as seguintes ocorrências em data anterior a 1934: um martelo encontrado sobre mosaico, uma anilha, fragmentos de mosaico, uma pequena “infusa” romana, testos (*operculae*?), um peso de barro” (Peso de Tear) e “tampas de galhetas com cabeça ornamentada”. Posteriormente, no dia 18 de Maio de 1934 foram-lhe entregues dois fragmentos de mosaico, um disco e tijolos de coluna.

Coordenadas do sítio: 37°51'44”, 72N, 08°22'14”, 79W e 72m de altitude.



Fotografia 15 – *Villa* da Defesa 3. As setas indicam a zona de maior concentração de materiais. O caminho foi construído no decorrer das obras de remodelação da Linha do Sul.

1 – AMEIRA 2 (PLANTA 2, Nº 3)

O pequeno sítio de ocupação romana identificado junto ao Monte Ameira e designado por Ameira II, foi descoberto em Setembro de 2003, tendo as seguintes coordenadas: 37°57'17", 02 latitude norte, 08°24'24", 40 longitude oeste e 56 m de altitude. O acesso ao local faz-se pela estrada que liga Alvalade a Santiago do Cacém, entra-se na estrada de terra batida que liga esta via ao Monte da Ameira. A estação arqueológica situa-se nas proximidades do Monte, junto da linha de caminho de ferro.

No local foram recolhidos machados de pedra polida (informação oral)¹⁴ e materiais de construção, inclusivamente *opus signinum*.

14

Os machados foram recolhidos pela irmã do actual proprietário do Monte da Ameira, a Sra. Maria da Luz, que os levou para Lisboa.

2 – AMEIRA 4/MONTE DO TELHEIRO (PLANTA 2, Nº 5)

Em Setembro do presente ano, fui informado pelo Sr. Luís, feitor do Monte da Ameira, da existência de uma parede na estrada de acesso ao “monte”, que parecia ter sido tapada com no início da obra de remodelação da Linha do Sul, altura em que foram melhorados os acessos à via de linha de caminho-de-ferro. Trata-se de uma estrutura cujo aparelho é constituído por paredes de médias dimensões ligadas com argamassa de cal, situado a meia encosta de um cabeço, virada a oriente, próximo do antigo caminho de acesso ao Monte da Ameira. Em torno desta estrutura observou-se a presença de *tegulae*, *imbrices*, láteres e cerâmica comum de época romana. A pequena área de materiais à superfície permite supor que se trata efectivamente de um casal.

Em 1925 o Padre Jorge de Oliveira obteve deste local uma *tegula*, um fragmento de asa de ânfora, um fragmento de asa e bocal (Bordo) de Ânfora e “Cerâmica Amarela”.

Coordenadas do sítio: 37°56'13", 60N, 08°24'16", 33W e 50m.

3 – GASPEIA 2 (PLANTA 2, Nº 13) (FALTAM AS COORDENADAS)

Trata-se de um pequeno sítio que até ao momento tem vindo a ser designado por Corredoura. Situa-se cem metros a sul da marcação do quilómetro 141 da linha do sul. Foram aí recolhidos materiais de construção e escórias que remontam ao período romano, podendo tratar-se de um casal.

O acesso ao local faz-se pelo caminho paralelo à Linha do Sul até à P. S. 140, passa-se para a margem direita do rio Sado e segue-se para sul até um portão que se situa ao PK 141.

Coordenadas do sítio: 37°54'55", 93N, 08°22'10", 76W e 75m de altitude.

4 – MONTE DA RETORTA 2 (PLANTA 2, Nº 15)

O pequeno sítio de ocupação romana identificado junto ao Monte da Retorta foi descoberto em Setembro de 2003. Situa-se na Freguesia de Alvalade, concelho de Santiago do Cacém com a latitude de 37°53'49", 45N; a longitude de 08° 22'11", 18W e a altitude de 70 m [CMP 528, Alvalade do Sado (Santiago do Cacém), edição 3, IGE, 2000]. O acesso ao local faz-se pelo caminho paralelo à Linha do Sul até ao Monte da Retorta.

Numa área de cerca de 0,2ha foram recolhidos vários materiais de construção de época romana.

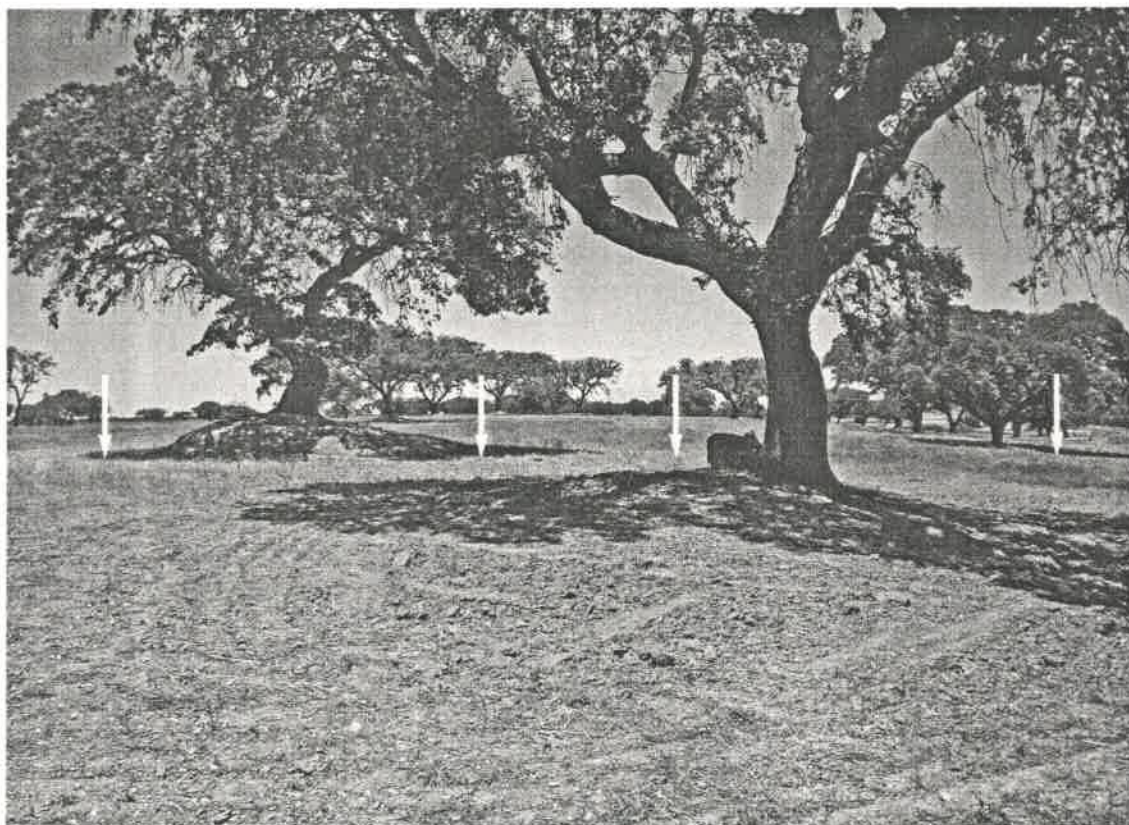
5 – DEFESA IV (PLANTA 2, Nº 20)

A estação arqueológica da Defesa IV foi identificada no decorrer das escavações para um empréstimo de terras em meados de Setembro de 2003. Situa-se a cerca de 600 m para norte

da *uilla* romana da Defesa III, a cerca de oito quilómetros para sul de Alvalade, à latitude de 37°52'04", 86 N, à longitude de 08°22'09", 15 e à cota de 70 m de altitude. Trata-se de um pequeno cabeço de perfil arredondado, situado imediatamente a sul de um pequeno ribeiro e o acesso ao local faz-se pelo caminho paralelo à Linha do Sul até perto da recém-escavada *uilla* romana da Defesa III. Perto desta existe uma entrada onde podemos retroceder em direcção ao Monte da Defesa. A meio caminho situa-se o novo arqueosítio.

Tem 1364m² (~ 0,14 ha) de materiais à superfície, na sua grande maioria de construção (sobretudo *imbrices* e láteres, alguns dos quais com decoração digitada), embora também; *dollia* (fragmento do bojo), cerâmica comum e um fragmento de bordo de um pote (?).

Como já referi, o local foi descoberto no momento em que se ia iniciar a escavação de um empréstimo de terras junto do local em que se situa. Poderá ser um pequeno sítio com ocupação tardo-antiga. Para essa classificação concorrem os seguintes factores: situa-se a cerca de 600 m da *uilla* da Defesa III, pelo que, pelos padrões de ocupação romanos nunca poderia ser um estabelecimento do mesmo tipo desta. Por outro lado, a área de dispersão de materiais à superfície é muito pequena. Por fim, nota-se, até ao momento, a ausência de *tegullae*, o que associado a um fragmento de bordo de pote pode confirmar a cronologia tardia, no campo da antiguidade, da ocupação humana do local.



Fotografia 17 – Casal designado por Monte da Defesa 4. As setas indicam a zona de maior concentração de materiais.

SÍTIOS COM FUNCIONALIDADE INDETERMINADA

1 – MIMOSA (PLANTA 2, Nº 9)

Alguns habitantes da Mimosa informaram-me do aparecimento de algumas moedas e de tijolos de época romana em algumas hortas nas imediações do povoado, idênticos aos que têm observado nas várias exposições que têm tido lugar em Alvalade. Pela sua localização, distando cerca de 4km da *uilla* do Monte do Roxo, não seria de colocar de parte a localização de uma *uilla* neste local. No entanto, ainda não foram realizadas prospecções nesta zona, pelo que não se pode ir muito mais além do que dar a conhecer as informações transmitidas sobre o local, deixando para futuros trabalhos uma melhor caracterização do sítio.

2 – MOINHOS DE ALVALADE (PLANTA 2, Nº 10)

Hoje em dia não é possível determinar o tipo de ocupação que o local teve, pelo simples facto do desenvolvimento urbano que Alvalade teve. O aparecimento de moedas de vários períodos, fundamentalmente de época romana, mas existindo uma do rei visigodo Dom Roderico e outra islâmica, permite duvidar que se tratasse de um simples casal. Poderá corresponder a uma *uilla* peri-urbana, ou a uma das necrópoles do povoado localizado em Alvalade. Neste local, foram construídos moinhos e uma ermida consagrada a São Sebastião, posteriormente demolidos para construir o actual depósito de água. As suas coordenadas são as seguintes:

3 – MONTE ESPADA (NÃO REPRESENTADO NA CARTOGRAFIA, FREGUESIA DA ABELA)

No “monte” Espada foi recolhida em 1934 uma ânfora do tipo Lusitana 2 completa. Algumas informações que troquei com alguns trabalhadores deste “monte” confirmaram-me a existência de abundantes materiais arqueológicos, no entanto ainda não houve oportunidade de confirmar no local o tipo de ocupação do espaço em época romana. As suas coordenadas são as seguintes:

PONTE E SISTEMA VIÁRIO (PLANTA 2, Nº 8)

A escassa distância de Alvalade existe um monumento denominado “Ponte Romana”. Na realidade trata-se de uma ponte medieval que sofreu obras de ampliação em época moderna. No entanto, vários habitantes de Alvalade, de onde destaco o Sr. Luís, feitor do Monte da Ameira, informaram que a partir desta ponte existia uma calçada com “grandes lajes e cerca de 2m de largura”, levantada nos anos 50 por causa da mecanização da agricultura, que seguia no sentido de Santiago do Cacém, pelo Vale de Santiago e pela Abela. Tendo em consideração que neste ponto a ribeira de Campilhas é relativamente funda e não existe hipótese de passar a vau, é muito provável que tenha existido aqui uma ponte em época anterior à construção actual.

Contudo, estas informações não são suficientes para propor a localização de uma via romana. Nesse sentido deve acrescentar-se que algumas pessoas mais idosas de Alvalade se recordam da existência de duas grandes pedras cilíndricas com letras, uma na várzea de Alvalade e outra no Monte da Defesa, podendo tratar-se de marcos miliários, os quais não foram ainda relocados.

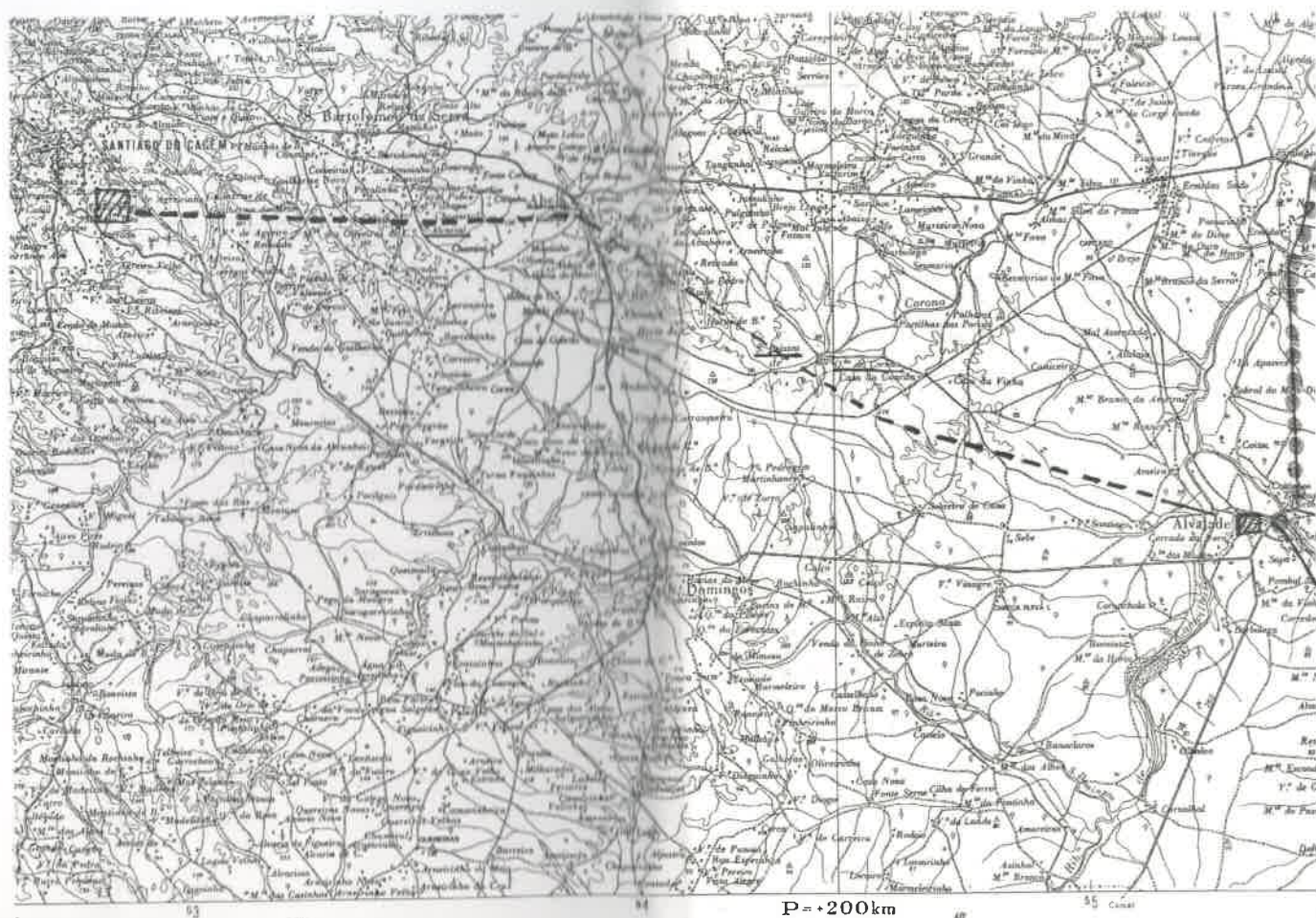
Contudo, ao observar dois mapas, a carta das estradas de Portugal de 1807 e o mapa Phillip Folque, em cópia pertencente ao proprietário do Monte da Ameira, de 1877, pude constatar que a antiga ligação entre Alvalade e Santiago do Cacém se fazia pela “Ponte Romana”, passando próximo da *uilla* da Ameira I/Monte do Brejo, pelo Vale de Santiago, pela *uilla* da Quinta de Corona, pela ermida de São Brissos, próxima da última *uilla*; pela Abela, cujo topónimo actual é igual à antiga designação da cidade espanhola de Ávila (antiga *Abela*) e que poderia corresponder à localização de outro *uicus*; entrando-se por Santiago do Cacém

precisamente no local onde se situava a antiga *Mirobriga*. Algumas informações que recolhi junto de habitantes de Alvalade e da Abela, apontam no sentido desta via ter sido habitualmente utilizada até meados do século XX, existindo alguns locais onde ainda é possível observar vestígios de calçada, facto que ainda não tive oportunidade de confirmar. Com base nos mesmos mapas, pude constatar que a actual Linha do Sul corresponde exactamente à via que ligava Alvalade a Garvão, onde se localiza um importante templo da Idade do Ferro e um, aparentemente importante, povoado romano. Ainda no que respeita a esta via, algumas pessoas mais idosas de Alvalade, informaram-me que há alguns anos atrás existiam restos de calçada na zona do Monte da Corredoura e do Monte da Gaspeia e que aquele era um dos caminhos por que se seguia para Garvão. Já os caminhos para Aljustrel (e daqui para Beja) e Ferreira do Alentejo eram precisamente os mesmos da actualidade, subsistindo ainda na toponímia as designações de “Porto de Ferreira” e “Porto de Beja” nas zonas onde o rio Sado era atravessado.

A conjugação de todas estas informações vai de encontro ao próprio nome *Alvalade*, que, traduzido do islâmico, pode significar “a via” ou “o caminho”, podendo inclusivamente justificar a presença de um *uicus* sob a actual Alvalade que tivesse alguma importância pela sua localização no cruzamento de todos estes eixos viários em época romana e medieval, o que é confirmado pela Carta de Doação de Alcácer do Sal e do seu termo à Ordem de Santiago de Espada em 1186, onde *Alualadi*, aparece referenciada.



Fotografia 18 – “Ponte Romana” na actualidade.



Planta 4 – Proposta de traçado para a via romana que ligava Alvalade a Mirobriga.

ALGUNS ASPECTOS DA ROMANIZAÇÃO NA FREGUESIA DE ALVALADE: O VICUS

Com base nos dados recolhidos a partir dos estudos e recolhas efectuados por outros investigadores e pessoas interessadas no passado da freguesia de Alvalade, bem como nas informações obtidas através da observação directa de sítios e materiais arqueológicos, julgo que é possível apresentar algumas conclusões.

Com base nos dados obtidos pelo Padre Jorge de Oliveira no seu quintal, no Adro da Igreja Matriz, no Cerrado onde foi instalado o Cemitério e na Cerca de Maria Lança, pode pensar-se na existência de um vicus em Alvalade, com uma ocupação contínua desde a época romana até à antiguidade, como o comprovam os dados arqueológicos e a documentação manuscrita medieval. No Museu Nacional de Arqueologia existem materiais provenientes desta vila, não se sabendo se foram recolhidos nos arredores ou na própria povoação. Por outro lado, estão depositados na Junta de Freguesia de Alvalade um fuste e uma base de coluna de época romana, sendo que esta última ainda tem o encaixe em ferro original, recolhidos no interior de uma parede de taipa, na vila de Alvalade, desconhecendo-se a casa de onde são provenientes, por falta de registo na época em que tal ocorreu. Do ponto de vista locativo, este povoado situa-se num cabeço proeminente próximo da confluência da ribeira de Campilhas com o rio Sado e das respectivas várzeas, onde as terras são extremamente férteis, permitindo uma agricultura intensiva.

Até ao momento, confirmada está a localização de sete *uillae*, com a hipótese de confirmação de outras duas no Monte Branco da Ameira e no Monte Espada. Do ponto de vista locativo/topográfico, apresentam alguma homogeneidade, observando-se que em ambas as margens do Sado, as *uillae* foram construídas em pequenas elevações, ocupando o topo e a zona voltada para o rio, de forma a terem acesso aos terrenos mais férteis, ao mesmo tempo que ficavam a salvo das inundações. Devo referir que na margem esquerda do Sado a várzea chega ter mais de trezentos metros de largura, enquanto que na margem direita o mesmo não acontece com a mesma frequência porque as pequenas elevações se encontram mais próximas do rio. Por esse motivo, as primeiras distam entre duzentos a trezentos metros do rio e as que se encontram na margem direita encontram-se muito mais próximas, pois não corriam sérios riscos de inundação.

A distância registada entre as *uillae* romanas contíguas situadas na margem esquerda do rio Sado é muito precisa, não indo muito além dos dois quilómetros. No máximo atinge os 2,5km em quase todos os casos observados. Se pensarmos na existência de uma *uilla* no Monte Branco da Ameira, junto da necrópole aí identificada pelo Padre Jorge de Oliveira, verificamos que esta dista exactamente dois quilómetros e duzentos e cinquenta metros da *uilla* da Ameira 1/Monte do Brejo e que esta última se localiza exactamente à mesma distância da *uilla* do Monte da Sapa, ficando o *uicus* localizado em Alvalade sensivelmente a meio de ambas. A *uilla* do Monte das Gáspeas/Gaspeia 3 se situa à mesma distância do anterior. Já a *uilla* da Defesa 3 se situa a cerca de oito quilómetros para sul de Alvalade, e a cerca de quatro da *uilla* anterior, pelo que podemos supor a existência de outra *uilla* entre estas duas últimas. No que respeita à margem direita do rio Sado, ainda não podem tirar muitas conclusões, pois só ainda foram identificadas três *uillae*: Monte do Roxo, Conqueiros e Defesa 5. Já aqui dei a conhecer a provável existência de achados na zona da Mimosa e a eventualidade de se poder vir a identificar uma *uilla*, aspecto que, a acontecer, poderá vir a permitir completar ainda mais o quadro.

Entre *uillae* de margens diferentes do Sado as distâncias situam-se entre quinhentos metros a um quilómetro, verificando-se algum "confrontamento". Disso são exemplo Monte da Sapa e Conqueiros; Defesa 3 e Defesa 5, podendo ainda, eventualmente, propor a situação de uma possível *uilla* na Mimosa, face ao *uicus* localizado em Alvalade.

Estas propostas para o modelo locativo permitem-me supor que, não existindo prova em contrário, os edificios correspondentes à *pars urbana* e à *pars rustica* das *uillae*, pura e simplesmente, não ocupavam o centro das propriedades, preferindo os seus proprietários construí-las próximo da várzea do rio Sado e dos vales dos principais afluentes desta zona (Ribeira do Roxo e Ribeira de Campilhas), onde as terras são muito mais férteis do que as restantes e a agricultura intensiva poderia ser praticada. Com efeito, relativamente à sua capacidade agrícola, nas várzeas do Sado e de Campilhas as terras são de classe A, ao passo que as que não se encontram nas várzeas são de Classe C, D e E.

Num artigo que publiquei em 2004 (FEIO, 2004, pp. 2-5.) cheguei a propor que, em média, os *fundi* das *uillae* deveriam rondar os 400ha, enquadrando-se na teoria que Jorge de Alarcão tem vindo a defender nos últimos anos (Alarcão, 1998). Não sendo uma hipótese a colocar de parte, penso que para poder chegar a uma conclusão mais correcta deverá ser prospecta a zona situada em torno das ribeiras de Campilhas e do Roxo, quer para verificar se o padrão locativo observado em torno do rio Sado é o mesmo, quer para completar o mapa de sítios arqueológicos de época romana e podermos aferir melhor as dimensões dos vários *fundi* das propriedades agrícolas. Dessa forma, poderemos ainda aferir melhor as transformações que sofreu a paisagem ao longo de todo o período de ocupação romana.

Ao que tudo indica, as *uillae* identificadas até ao momento já estavam instaladas, na sua totalidade, pelo menos, no final da primeira metade do século I, remontando algumas delas à época de Augusto, casos de Monte do Roxo Ameira 1/Monte do Brejo e Conqueiros, exemplos que não serão únicos na região, quer no concelho, onde podemos indicar a necrópole de incineração identificada em Deixa-o-Resto, onde foram recolhidas sigillatas

galoromanas e uma moeda de Augusto, quer na freguesia de Panóias, concelho de Ourique, onde foi identificada a *uilla* das Labogadas, cuja fase inicial de ocupação data desta mesma época¹⁵. No caso de Conqueiros podemos constatar essa ocupação antiga a partir da observação dos materiais aí recolhidos e que já tivemos oportunidade de indicar na descrição pormenorizada do sítio. Aqui foram identificados um fragmento de vidro em azul de cobalto, cronologicamente situável nos séculos I a.C. e I (AMARO e BARRETO, 1979), uma fíbula de charneira, de arco triangular, tipo Zerat II A e Thill 108/11, do século I a. C. (Idem, ibidem), sigillatas itálicas, galoromanas e fragmentos de ânfora do tipo Haltern 70, resultantes das escavações realizadas por Clementino Amaro e Manuel Rosivelt dos Santos Barreto, de 1979. Na Escola Secundária de Alvalade pude observar um fragmento de bordo de uma ânfora do tipo Lusitana 12. Desta estação arqueológica são provenientes três inscrições funerárias datadas do final do século I a.C., ou dos inícios do século I. Assim sendo, tenho de destacar que, pelo que me é dado a observar, que uma boa parte das *uillae* identificadas já se encontravam ocupadas antes da época dos imperadores Flávios, período em que, supostamente a cidade de *Mirobriga* foi elevada à categoria de *municipium*, não se tratando portanto de uma possível centurição de época Flávia.

Até ao momento, apenas num caso, a *uilla* designada por Defesa V, não foram ainda recolhidos materiais com cronologia posterior ao século III. Algumas *uillae* poderão não ter tido uma ocupação muito além do século V. No que diz respeito à *uilla* da Figueira-da-Ametade, Conqueiros, Clementino Amaro e Manuel Rosivelt dos Santos Barreto consideram que esta terá permanecido ocupada até finais do século IV, dada a presença de sigillatas norte-africanas. No entanto, a presença de ânforas do tipo Lusitana 4 poderão indicar uma ocupação até um período mais tardio. Outros sítios arqueológicos permaneceram ocupados até ao período islâmico, como por exemplo o Monte do Roxo, onde foram recolhidos elementos arquitectónicos de um edifício religioso paleocristão e materiais islâmicos dos séculos XII e XIII; Alvalade, os moinhos de Alvalade, onde foram recolhidas pelo Padre Jorge de Oliveira uma moeda do rei Dom Rodrigo (710-711), o último monarca Visigodo e uma moeda islâmica e a *uilla* da Defesa 3, onde foram recolhidos materiais dos séculos XII e XIII. É de destacar que no que respeita às *uillae* já confirmadas, as duas supra mencionadas se situam a distâncias a rondar os três quilómetros. Quererá isto significar que as propriedades agrícolas mais próximas de Alvalade deixaram de ter uma ocupação física humana, com o abandono das *pars urbanas* das *uillae*, passando a sua exploração a ser feita a partir do povoado?

A partir do padrão locativo observado para as *uillae* e do testemunho oral de várias pessoas que apontam para a existência de materiais arqueológicos nesses locais, creio que é muito provável que em prospecções futuras possam vir a ser identificadas outras *uillae* na zona do Sobral do Meio-dia, entre a *uilla* do Monte do Roxo e uma possível *uilla* localizada na zona da Mimosa; no Monte das Fontainhas, entre as *uillae* de Conqueiros e do Monte da Defesa 5, e nas imediações do Vale de Grou, todas elas situadas na várzea do Rio Sado. Na zona envolvente da Ribeira de Campilhas poderão vir a ser identificadas nos Montes da Corunchola, Borbolega e da Olhalva, onde alguns trabalhadores informaram existir materiais arqueológicos à superfície que ainda não pude confirmar, o mesmo acontecendo relativamente a São Roque, nas imediações da Ribeira do Roxo.

Este padrão locativo observado na freguesia de Alvalade, com base na ocupação topográfica do espaço, na capacidade dos terrenos agrícolas, e na distancia de dois quilómetros entre *uillae* situadas nas margens do Sado ou dos seus afluentes não é caso único, pois na Ribeira de Sítimos, concelho de Alcácer do Sal, as *uillae* de Santa Catarina de Sítimos e do Porto da Lama distam cerca de dois quilómetros entre si (FARIA, 2002, pp. 72 a74) e em torno da Ribeira de Odivelas, essa situação ocorre, por exemplo, entre as *uillae* de Fonte da Telha, Adegas e Ferrarias e entre as *uillae* de São Francisco e São Bartolomeu, todas no concelho de Alvito. Isto significa que, estabelecendo-se um padrão a partir de Alvalade, com um estudo mais aprofundado, poderemos vir a conseguir obter informações muito importantes sobre a real ocupação do espaço em época romana em torno do rio Sado e respectivos afluentes.

NECRÓPOLE

As necrópoles identificadas até ao momento aparecem associadas com as *uillae*. Apenas a necrópole do Monte Branco da Ameira ainda não foi devidamente prospectada para confirmar esta ideia, mas as necrópoles de Várzea do Brejo, Conqueiros 2 e Defesa 2, associadas respectivamente às *uillae* de Ameira 1/Monte do Brejo, Conqueiros e Defesa 3, permitem comprová-lo. Pouco se sabe sobre o tipo de sepultamentos existente e a respectiva cronologia. Relativamente ao Monte Branco da Ameira, o Padre Jorge de Oliveira aponta apenas a existência de duas sepulturas, enquanto que para a necrópole da Várzea do Brejo já foi mais incisivo, referindo que existia um vaso crematório (ou seja, uma urna para conter cinzas provenientes de uma incineração) e uma sepultura forrada de mármore, já fragmentados, e que deveria corresponder, em minha opinião, a um sarcófago semelhante ao encontrado no Cerro do Faval, concelho de Ourique, datado de uma fase mais tardia e, muito provavelmente, associado a uma inumação (Deus et alii, 2004:45/a465). Relativamente a Conqueiros, conhece-se apenas o aparecimento de três inscrições funerárias, cujas sepulturas não foram escavadas e da Defesa 2 apenas se sabe que foram recolhidos materiais de uma sepultura.

CASAIS

Os casais são unidades rurais pequenas e aparecem a curtas distâncias das *uillae*, a que estão associados. O casal da Ameira 2 situa-se entre a possível *uilla* do Monte Branco da Ameira e a *uilla* da Ameira 1/Monte do Brejo, próximo da possível fronteira de ambos os *fundi*, sendo difícil de discernir a qual deles se encontrava associada. O mesmo não acontece com o casal da Ameira 4/Monte do Telheiro, que, pela sua proximidade à *uilla*, deveria estar incorporado no *fundus* da Ameira 1/Monte do Brejo e com o casal da Gaspeia 2, que estaria associado à *uilla* do Monte das Gáspeas/Gaspeia 3. Por sua vez, o casal designado por Monte da Retorta 2 deveria estar associado a uma possível *uilla* que, como já defendi anteriormente, poderá vir a ser localizada na zona de Vale de Grou. Por fim, o Casal do Monte da Defesa 4 estaria integrado no *fundus* da *uilla* identificada como Monte da Defesa 3.

De entre todos estes casos, até ao momento apenas este último forneceu dados do ponto de vista cronológico, datando de época baixo imperial.

ECONOMIA: IMPORTAÇÕES E PRODUÇÃO LOCAL

No campo económico, relativamente às importações, pode facilmente observar-se que existe, como não podia deixar de ser, até pela sua proximidade geográfica, uma presença maioritária de ânforas lusitanas, pese embora se registem alguns exemplares béticos, sobretudo Haltern 70 e ainda Dressel 2-4, elementos indicativos de importação de preparados de peixe provenientes dos Estuários do Tejo e do Sado, bem como do Litoral Alentejano, ao longo de todo o período de ocupação romana. A importação de vinho da Província da *Baetica* ocorreu sobretudo no século I, pois também foram recolhidos nas várias *uillae* fragmentos de ânforas dos tipos Lusitana 3 e Lusitana 9, contentores que serviram para o transporte de preparados vinícolas lusitanos entre os séculos I e V (DIOGO, 1987, pp. 179-191). No campo da produção vinícola, como iremos abordar um pouco mais adiante, devemos ainda ter em consideração que a produção local poderá ter tido um peso importante no campo da economia, sobretudo entre os séculos II e V, motivo que pode indiciar a falta de necessidade de importar produtos deste género de outras províncias do império.

Relativamente à importação de cerâmicas finas, como por exemplo as sigillatas, regista-se que as ocorrências mais antigas se situam em finais do século I a.C., com a importação de sigillatas itálicas. As sigillatas galoromanas ocorrem em número significativo em quase todas as *uillae* identificadas, o mesmo não acontecendo, pelo menos até ao momento, e por mais incrível que pareça, com as sigillatas hispânicas. Também se regista a presença de sigillatas norte-africanas, sobretudo as formas integráveis nas sigillatas norte-africanas ou claras A e D.

No campo da economia local, poderemos pensar que a produção vinícola e oleícola deverá ter sido muito importante, tendo em consideração a enorme quantidade de fragmentos de *dollia* recolhidos em todas as *uillae*, sobretudo na Defesa 5, onde também foi descoberto um enorme peso de lagar, havendo ainda a registar o facto de na uilla do Roxo terem sido encontrados tanques revestidos de *opus signinum* e grainhas de uva ressequidas (Carvalho 361-390).

Também a mineração o deve ter tido a sua importância, pois a quantidade de escórias (de ferro e de cobre) encontradas em todas as *uillae* é considerável. Não nos podemos esquecer que esta zona se situa a uma distância inferior a 20km das minas de Vipasca e que em torno destas importantes minas se localizariam outras de menores dimensões e importância, como as do Montinho. Por outro lado, esta zona situa-se a cerca de 30km das minas do Canal Caveira e alguns habitantes de Alvalade informaram-me que na zona onde está construída a actual Barragem da Aroeira existiam grandes buracos a céu aberto, podendo tratar-se de minas.

CONCLUSÃO

Em resumo, podemos concluir que na zona correspondente à actual freguesia de Alvalade é possível observar que uma ocupação romana intensa e que merece um estudo mais aprofundado. Não tendo ainda sido localizados todos os sítios ocupados durante o período romano, creio que os arqueossítios já identificados permitem a criação de um modelo base para a sua localização. Todavia, há ainda muito para fazer, começando com a localização ou realocação de outros sítios ocupados durante este período. Eventualmente, outras *uillae* poderão aparecer em zonas mais afastadas do rio Sado, ou em áreas próximas das ribeiras de Campilhas e do Roxo.

Para além da localização dos restantes sítios, torna-se necessário perceber as transformações por que passaram esses estabelecimentos populacionais: o momento em que apareceram; que tipo de exploração tiveram, quando foram abandonados e as razões que provocaram esse mesmo abandono; se existiu ou não concentração de propriedade ou que tipo de transformações tiveram esses sítios. Por exemplo, no caso do Monte do Roxo encontramos-nos perante uma *uilla* junto da qual foi construída uma *ecclesia*, ou deparamo-nos com uma antiga *uilla* que se transformou em *monasterium*? E qualquer uma destas situações ocorre em fase final da ocupação romana ou em época de domínio visigótico com continuação em época islâmica e estamos perante um caso precoce de cristianização do território com continuação de culto cristão garantida por uma comunidade moçárabe, ou, paralelamente com o domínio islâmico do território, essa comunidade desapareceu?

São questões que, por ora terão de ficar sem resposta, mas que poderão vir a ser aprofundadas com futuras investigações no terreno.

BIBLIOGRAFIA

- AA.VV., *Actas do II Congresso Peninsular de História Antiga*, Instituto de Estudos Clássicos e Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1993.
- AA.VV., *Cidades e História*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian (Ciclo de conferências promovido pelo Serviço de Belas Artes da Fundação Calouste Gulbenkian), 1992.
- ALARCÃO, Jorge de, *Portugal Romano*, Lisboa, Editorial Verbo, 1973.
- ALARCÃO, Jorge de, *O Domínio Romano em Portugal*, 3ª ed., Lisboa, Publicações Europa América, 1988.
- ALARCÃO, Jorge de, *Roman Portugal*, Warminster, Aris and Philips, 1988.
- ALARCÃO, Jorge de (Coord.), *Portugal das Origens à Romanização*, in *Nova História de Portugal*, nº 1, Lisboa, Editorial Presença, 1990.
- ALARCÃO, Jorge de, "Paisagem rural romana e alto-medieval", in *Conimbriga* (Revista), vol. XXXVII, Coimbra, Instituto de Arqueologia, pp. 89-119, 1998.
- ALARCÃO, Jorge de, ÉTIENE, Robert e MAYET, Françoise, *Les Villas Romaines de S. Cucufate*, Paris, E. de Boccard, 1990.
- ALMEIDA, D. Fernando de, *Ruínas de Miróbriga dos Célticos (Santiago do Cacém)*, Setúbal, 1964.
- AMARO, Clementino, "Santiago do Cacém", in *Informação Arqueológica*, nº 2, Lisboa, 1979, pp. 79-82.
- AMARO, Clementino e BARRETO, Manuel Rosivelt dos Santos, "Villa Romana de Figueirada-Ametade, Conqueiros", *Relatório das sondagens e escavação arqueológica de 1979*, S/D, S/E, S/L.
- AMARO, Clementino e BARRETO, Manuel Rosivelt Santos, "A 'villa' de Conqueiros e enquadramento arqueológico", comunicação inédita apresentada ao IV Congresso Nacional de Arqueologia, Faro, 1980.
- BILOU, Francisco, "Testemunhos arqueológicos da rede viária romana na região de Évora", in *A Cidade de Évora* (Revista), IIª série, nº 4, Évora, Câmara Municipal de Évora pp. 143-168, 2000.
- BOISSILIER, Stéphane, *Naissance D'Une Identité Portugaise, La vie rurale entre Tage et Guadiana de L'Islam à la Reconquête (Xème-XIVème siècles)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1999.
- Caeiro, José O., Estela Funerária de Ourique in *Ficheiro Epigráfico*, nº 6, Incrição nº 25 (Suplemento da Revista Conimbriga) Coimbra, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1983.
- CARDOSO, José, *A Geografia da Ibéria Segundo Estrabão*, Braga, APPACDM Distrital de Braga, 1994.
- CARVALHO, António, "Evidências arqueológicas da produção de vinho nas villae romanas do território português: grainhas de uva, alfaías vitícolas e lagares de vinho", in Jean-Gérard Gorges et F. Germán Rodriguez Martín, *Économie et territoire en Lusitanie romaine*, pp. 361-390.
- CEPAS PALANCA, Adela, *Crisis y Continuidad en la Hispânia del Siglo III*, Madrid, Archivo Español de Arqueología, 1997.
- CHAVARRÍA ARNAU, Alexandra, "Poblamiento rural en el territorium de Tarraco durante la antigüedad tardía." in *Arqueologia y Territorio Medieval* (Revista), nº 8, Jaén, Universidad de Jaén, pp. 55-76, 2000.
- COELHO, António Borges, *Portugal na Espanha Árabe*, 2ª edição, 2 volumes, Lisboa, Caminho, 1989.
- DEUS, Manuela de, OLIVEIRA, Nuno Vasco e DUARTE, Cidália, "Sarcófago do Cerro do Faval (Ourique): intervenção de emergência", in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 7, número 1, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, 2004, pp. 451 a 465.
- DÍAZ, Pablo C., "Propriedad y explotación de la tierra en la Lusitania tardoantiga", in J.-G. Gorges e M. Salinas de Frías (eds.), *Les Campagnes de Lusitanie Romaine, Occupation du sol et habitats*, Madrid - Salamanca, Casa de Velásquez e Ed. Universidad de Salamanca, 1994 pp.297-310.
- DIOGO, A. M. Dias, "Quadro Tipológico das Ânforas Lusitanas", in *O Arqueólogo Português* (Revista), Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, 1987, pp. 179-191.
- DIOGO, A. M. Dias "Elementos Sobre Ânforas de Fabricos Lusitanos", in *Estudos de Arte e História, Homenagem a Artur Nobre de Gusmão*, Lisboa, Veja, , 1995, pp. 283-294.
- DIOGO, A. M. Dias, "Elementos sobre ânforas de fabrico lusitano", in *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado (actas das primeiras jornadas sobre romanização dos estuários do Tejo e do Sado*, Lisboa, Câmara Municipal do Seixal/Publicações D. Quixote, 1996, pp. 61-72.
- DIOGO, A. M. Dias, "Ânforas Romanas de Miróbriga", in *Arquivo de Beja* (Revista), III Série, Vol. X, Beja, Câmara Municipal de Beja, 1999, pp.15-27.
- DIOGO, A. M. Dias, COSTA, Miguel, "Elementos sobre a produção de ânforas e a transformação piscícola em Sines durante a época romana, in *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado (actas das primeiras jornadas sobre romanização dos estuários do Tejo e do Sado)*, Lisboa, Câmara Municipal do Seixal/Publicações D. Quixote, 1996, pp. 107-110.
- DIOGO, A. M. Dias, FARIA, João Carlos Lázaro, "Fornos de cerâmica romana no vale do Sado. Alguns elementos", in *As Ânforas Lusitanas, Tipologia, Produção, Comércio*, Paris, Difusion E. de Boccard, 1990, pp. 173-186.
- DIOGO, A. M. Dias e TRINDADE, Laura, "Ânforas Romanas de Aljustrel", in *Vipasca* (Revista), Nº4, Aljustrel, Câmara Municipal de Aljustrel, 1995, pp. 11-14.
- DIOGO, A. M. Dias e TRINDADE, Laura, "Fragmento de inscrição paleocristã da rua das pe-

- dras negras, em Lisboa, in *Ficheiro Epigráfico* (suplemento da Revista Conimbriga), N° 63, inscrição n° 288, Coimbra, Instituto de Arqueologia, 2000.
- DIOGO, A. M. Dias, TRINDADE, Laura e COSTA, Miguel, "Marcas de *Sigillata* provenientes de Sines" in *Vipasca* (Revista), N°6, Aljustrel, Câmara Municipal de Aljustrel, 1997, pp. 115-118.
- EDMONSON, J. C., "Creating a provincial Landscape: Roman imperialism and rural change in Lusitania" in J.-G. Gorges e M. Salinas de Frias (eds.), *Les Campagnes de Lusitanie Romaine, Occupation du sol et habitats*, Madrid – Salamanca, Casa de Velásquez e Ed. Universidad de Salamanca pp. 13-30, 1994.
- ENCARNAÇÃO, José D', *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis, subsídios para o estudo da romanização*, vols. I e II, Coimbra, Instituto Arqueológico de Coimbra, 1984.
- ENCARNAÇÃO, José D', "Problemas em aberto na epigrafia Mirobrigense", in *Conimbriga* (Revista), vol. XXXV, Coimbra, Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra, 1996, pp. 129-146.
- ESCRIBANO PAÑO, Maria Victoria, "Cristianización y liderazgo en la Lusitania tardía", in PALOL, Pere de e GUSMÃO, Artur Nobre de, *IV Reunión de Arqueología Cristã Hispânica* (Actas), Barcelona, Instituto de Estudos Catalãos, Universidade de Barcelona e Universidade Nova de Lisboa, 1995, pp. 267-276.
- FABIÃO, Carlos, "Garum na Lusitânia rural? Alguns comentários sobre o povoamento romano do Algarve", in J.-G. Gorges e M. Salinas de Frias (eds.), *Les Campagnes de Lusitanie Romaine, Occupation du sol et habitats*, Madrid – Salamanca, Casa de Velásquez e Ed. Universidad de Salamanca, 1994, pp. 227-253.
- FABIÃO, Carlos, "O comércio dos produtos da Lusitânia transportados em ânforas no Baixo-imperio", in *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado* (actas das primeiras jornadas sobre romanização dos estuários do Tejo e do Sado), Lisboa, Câmara Municipal do Seixal/Publicações D. Quixote, 1996, pp. 329-342.
- FABIÃO, Carlos, Sobre a tipologia das ânforas da Lusitânia, in *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado* (actas das primeiras jornadas sobre romanização dos estuários do Tejo e do Sado), Lisboa, Câmara Municipal do Seixal/Publicações D. Quixote, 1996, pp. 371-390.
- FABIÃO, Carlos, "A exploração de recursos marinhos", in Adília Alarcão (coord.), *Portugal Romano, a exploração dos recursos naturais*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, 1997, pp. 35-58.
- FABIÃO, Carlos, "O Vinho da Lusitânia: Reflexões em Torno de um Problema Arqueológico", in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Volume I, Número 1, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, 1998, pp. 169-198.
- FABIÃO, Carlos, A. Carvalho, "Ânforas da Lusitânia: uma perspectiva", *As Ânforas Lusitanas, Tipologia, Produção, Comércio*, Paris, Difusion E. de Boccard, 1990, pp. 37-64.
- FABIÃO, Carlos, GUERRA, Amílcar, "Sobre os conteúdos das ânforas lusitanas", in *Actas do II Congresso Peninsular de História Antiga*, Instituto de Estudos Clássicos e Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1993, pp. 995-1016.
- FARIA, João Carlos Lázaro, *Alcácer do Sal ao Tempo dos Romanos*, Alcácer do Sal, Câmara Municipal de Alcácer do Sal, 2002.
- FEIO, Jorge, "A romanização em torno de Alvalade, algumas descobertas arqueológicas", in *Gentes e Culturas, Freguesia de Alvalade*, Alvalade, Liga dos Amigos de Santo André, 2004, pp. 2-5.
- FEIO, Jorge, "Vestígios da cristianização do Conventus Pacensis: as basílicas de São Bartolomeu (Alvito) e Monte do Roxo (Alvalade)", in actas do *III Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, Aljustrel, Câmara Municipal de Aljustrel, 2ª Série, N°2, 2008, pp. 477 a 489.
- FERREIRA, Carlos Jorge, SILVA, Carlos Tavares da, LOURENÇO, Fernando Severino e SOUSA, Paula, *Património Arqueológico do Distrito de Setúbal, subsídios para uma carta arqueológica*, Associação de Municípios do Distrito de Setúbal, Setúbal, 1993.
- GARCÍA MORENO, Luis A., "El habitat rural disperso en la Peninsula Iberica durante la Antigüedad Tardia (siglos V-VII)" in Antonino Gonzalez Blanco, F Javier Fernández Nieto e José Remesal Rodriguez (eds.), *Arte, Sociedad, Economía y Religión Durante el Bajo Imperio y la Antigüedad Tardia. Homenaje al Profesor Dr. D. José Mª Blázquez Martínez*, Murcia, Universidad de Murcia, pp. 265-275.
- GOMES, Mário Varela, "A Necrópole Visigótica do Poço dos Mouros (Silves), in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 5, n° 2, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, pp. 339-391, 2002.
- GUERRA, Amílcar, *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*, Lisboa, Edições Colibri, 1995.
- HAUSCHILD, Theodor, "Transformação no campo na baixa romanidade em Portugal", in PALOL, Pere de e GUSMÃO, Artur Nobre de, *IV Reunión de Arqueología Cristã Hispânica* (Actas), Barcelona, Instituto de Estudos Catalãos, Universidade de Barcelona e Universidade Nova de Lisboa, 1995, pp. 377-382.
- HAYES, J. W., *Late Roman Pottery*, Londres, 1972.
- HAYES, J. W., *Supplement to Late Roman Pottery*, Londres, 1980.
- JORGÊ, Ana Maria C. M., *L'Episcopat de Lusitanie Pendant l'Antiquité Tardif (IIIème-VIIème siècles)*, *Trabalhos de Arqueologia*, n° 21, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, 2002.
- LOPES, Maria da Conceição, "O território de Pax Iulia, limites e caracterização" in *Revista Arquivo de Beja*, 3ª série, vol. II/III Beja, Câmara Municipal de Beja (Actas das I Jornadas do Arquivo de Beja), pp.63-74, 1996.
- LOPES, Maria da Conceição, CARVALHO, Pedro

- C., GOMES, Sofia M. Gomes, *Arqueologia do Concelho de Serpa*, Serpa, Câmara Municipal de Serpa, 1997.
- LOPES, Maria da Conceição, *A Cidade Romana de Beja, percursos e debates acerca da civitas de Pax Iulia*, Coimbra, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2003.
- MACIEL, Manuel Justino, *Antiguidade Tardia e Paleocristianismo em Portugal*, Lisboa, Edição do Autor, 1996.
- MACIEL, Manuel Justino, Vitruvius, *Tratado de Arquitectura, tradução do latim, introdução e notas*, Lisboa, IST Press, 2007.
- MANTAS, Vasco GIL, "Colonização e Aculturação do Alentejo Romano", in *O Alentejo e os Outros Mundos, actas das II Jornadas do Arquivo de Beja*, in *Arquivo de Beja* (Revista), Série III, Volumes VII/VIII, Beja, Câmara Municipal de Beja, 1998, pp. 33-62.
- MARTIN, Jean-Pierre, *As Províncias da Romanas da Europa Ocidental e Central, de 31 A.C. a 235 D.C.*, Publicações Europa-América, 1998.
- MARTIN DE CÁCERES, Enrique Cerrillo, "Cristianización y arqueología cristiana primitiva de la Lusitania: las áreas rurales", in PALOL, Pere de e GUSMÃO, Artur Nobre de, *IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica* (Actas), Barcelona, Instituto de Estudos Catalães, Universidade de Barcelona e Universidade Nova de Lisboa, 1995, pp. 359-376.
- OLIVEIRA, Fernando de, "Lusitânia Rural em Plínio o Antigo", in J.-G. Gorges e M. Salinas de Frías (eds.), *Les Campagnes de Lusitanie Romaine, Occupation du sol et habitats*, Madrid – Salamanca, Casa de Velásquez e Ed. Universidad de Salamanca pp. 31-44, 1994.
- RIBEIRO, José Cardim (coord.), *Religiões da Lusitânia, Loquuntur Saxa*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, 2002.
- PALOL, Pere de e GUSMÃO, Artur Nobre de, *IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica* (Actas), Barcelona, Instituto de Estudos Catalães, Universidade de Barcelona e Universidade Nova de Lisboa, 1995.
- PERES-SÁNCHEZ, Dionisio, "Sociedad e relaciones de dependencia en la Lusitania tardorromana y visigoda" in J.-G. Gorges e M. Salinas de Frías (eds.), *Les Campagnes de Lusitanie Romaine, Occupation du sol et habitats*, Madrid – Salamanca, Casa de Velásquez e Ed. Universidad de Salamanca pp. 311-319, 1994.
- PICARD, Christophe, *Le Garb al-Ándaluz, étude régionale d'après les sources littéraires arabes et archéologiques*, Thèse de IIIème cycle, Paris-Sorbone, 1986.
- PINTO, Inês Vaz, *A Cerâmica Comum das Villae Romanas de São Cucufate* (Beja), Lisboa, Universidade Lusíada Editora, Coleção Teses, 2003.
- QUARESMA, João Carlos, "Cerâmicas de Miróbriga", in *Conímbriga* (Revista), vol. XXXVIII, Coimbra, Instituto de Arqueologia, 1999, pp. 137-200.
- QUARESMA, João Carlos da Costa, *Terra Sigillata Sudgálica num Centro de Consumo: Chãos Salgados, Santiago do Cacém (Miróbriga?)*, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, 2003.
- REAL, Manuel Luís, "Inovação e resistência: dados recentes sobre a Antiguidade Cristã no Ocidente Peninsular", in PALOL, Pere de e GUSMÃO, Artur Nobre de, *IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica* (Actas), Barcelona, Instituto de Estudos Catalães, Universidade de Barcelona e Universidade Nova de Lisboa, 1995, pp. 17-68.
- REI, António José da Silva Batas, *Memórias e Espaços e Espaços de Memória, Al'-Râzi a D. Pedro de Barcelos*, Texto Polycopiado (Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Nova de Lisboa).
- RESENDE, André de, *As Antiguidades da Lusitânia* (com introdução, tradução e comentário de R. M. Rosado Fernandes), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.
- RIBEIRO, José Cardim, *Religiões da Lusitânia, Loquuntur Saxa*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, 2002.
- RUA, Maria Helena, *Os Dez Livros De Arquitectura de Vitruvius*, Departamento de Engenharia Civil do Instituto Superior Técnico, Lisboa, 1998.
- TORRES, Cláudio (coord.), *Núcleo Visigótico do Museu Regional de Beja*, Beja, Museu Regional de Beja, 1993.
- TORRES, Cláudio, "A cidade paleocristã de Mértola", in PALOL, Pere de e GUSMÃO, Artur Nobre de, *IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica* (Actas), Barcelona, Instituto de Estudos Catalães, Universidade de Barcelona e Universidade Nova de Lisboa, 1995, pp. 263 a 267.
- TORRES, Cláudio e MACIAS, Santiago, (Coords.), *Museu de Mértola, Basílica Paleocristã, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola*, 1993.
- TORRES, Cláudio e MACIAS, Santiago, "Rituais funerários paleocristãos e islâmicos nas necrópoles de Mértola", in José Matoso (dir.) *O Reino dos Mortos na Idade Média Peninsular*, Lisboa, Edições Sá da Costa, pp. 11-44, 1996.
- VELAZQUEZ, A., CERRILLO, E. e MATEOS, P. (eds.), *Los Ultimos Romanos en Lusitania, Cuadernos Emeritenses*, número 10, Mérida, Museu Nacional de Arte Romano/ Asociacion de Amigos del Museo, 1995.
- VILAR, Hermínia Vasconcelos, *As Dimensões de um Poder, a diocese de Évora na Idade Média*, Lisboa, Editorial Estampa, 1999.